

AS AFINIDADES ELETIVAS, DE GOETHE: BREVE LEITURA DO ENSAIO DE WALTER BENJAMIN

| MARIA LUIZA PINHEIRO COUTINHO¹

RESUMO

Trata-se de uma breve leitura do famoso ensaio de Walter Benjamin sobre o não menos famoso romance de Goethe, *As afinidades eletivas*. Procurou-se realçar os pontos essenciais da interpretação de Benjamin dessa obra goetheana, concebida, não como comentário, mas como crítica. A intenção aqui é destacar o que, para Benjamin, seria o teor de verdade d'*As afinidades eletivas*.

Palavras-chave: Crítica, verdade, contemplação, complacência, aparência, decisão.

ABSTRACT

This paper discusses the famous essay written by Walter Benjamin about the no less famous romance *Elective Affinities* by Goethe. It has as its goal to emphasize the essential points of Benjamin's interpretation of this Goethean work, conceived not as a comment but as a criticism. The aim here is to highlight what the truth-content of the *Elective Affinities* for Benjamin is.

Keywords: criticism, truth, contemplation, complacency, semblance, decision

¹ Formada em Economia pela Universidade Federal do Ceará, advogada, formada pela Universidade de Fortaleza, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

DA OBRA

Em resposta a uma senhora que disse não aprovar o romance *As Afinidades Eletivas* (1808), nem poder recomendá-lo a nenhuma mulher, *pois é de fato imoral*, Goethe teria respondido com muita comoção: “sinto muito; é na verdade o meu melhor livro”. O grande público parece ter concordado com aquela senhora respeitável: considerou o livro “imoral” e “fatalista”.

A crítica contemporânea maior saudou a obra não com o respeito convencional devido a tudo que provinha de Goethe, a época. Ela viu no romance algo de terrível, estranho, desencorajador, maligno. Mas de onde vem essa reprovação? A ambiguidade, a falsa aparência, a frouxidão moral nas relações, a indistinção entre o profano e o sagrado, das figuras do romance e os acontecimentos que as envolvem, percebidos pelo leitor, podem ser uma explicação. Para os contemporâneos de Goethe, o conteúdo da obra estava presente não pela compreensão, mas pelo sentimento que despertava. O romance continuou, ao longo do tempo, amplamente comentado por escritores, filósofos, poetas e críticos.

Walter Benjamin escreve o ensaio crítico *As afinidades eletivas de Goethe* (1921/1922) mais de cem anos após a publicação do livro e tem a pretensão de apresentá-lo como uma tese para o cargo de livre-docência que irá pleitear junto a Universidade de Heidelberg, sob a orientação de Karl Jaspers. O texto, profundo, denso, complexo e em muitos momentos de estilo sinuoso, teoriza ou poetiza sobre quase tudo, como diria Hannah Arendt, a começar pelo que deve ser a verdadeira tarefa da crítica literária. Esse ensaio longo era algo que não se poderia comparar a nada mais na literatura existente. Esse é o problema “com tudo o que escreveu Benjamin, que sempre demonstrava ser *sui generis*” (Arendt, 2018, p. 135). O ensaio resultou por ser uma das obras fundamentais da autoria de Benjamin.

A crítica, segundo Benjamin, interessa-se pelo conteúdo verdadeiro de uma obra de arte, contudo o caminho da crítica não deve ser traçado a partir do autor, de elementos biográficos ou de suas declarações sobre a obra. No caso de Goethe, suas observações próprias acerca de *As afinidades eletivas* são motivadas no

sentido de enfrentar os julgamentos contemporâneos de sua obra, diz Benjamin. O crítico deve procurar afastar-se delas, mas assumindo a tarefa de compreendê-las, buscando suas motivações ocultas (Benjamin, 2018, p. 35).

Querer compreender *As afinidades eletivas* a partir das próprias palavras de Goethe, de acordo com Benjamin, é uma tarefa inútil, justamente porque elas estão destinadas a impedir à crítica o acesso à obra (Benjamin, 2018, p. 42). Uma obra revela muitas coisas, mas também esconde outras. Goethe disse ter colocado nessa obra mais coisas do que alguém seria capaz de apreender em uma única leitura (Benjamin, 2018, p. 43); toda significação mítica procura por mistério. Na velhice, Goethe enfrenta toda crítica como um ser olímpico. “Como olímpico, ele assentou o fundamento de sua obra e, com escassas palavras, fechou a sua abóbada.” (Benjamin, 2018, p. 44)

Para o crítico literário, a obra deve estar em primeiro plano sempre que seu olhar se dirige ao conteúdo e à essência. Em parte alguma esses elementos se evidenciam de forma mais apreensível do que na obra, diz Benjamin (Benjamin, 2018, p. 56). Sua interpretação de *As afinidades eletivas* deve ser vista, insiste ele, não como comentário sobre o tema da obra, mas como crítica, que busca o teor de verdade que se mantém sempre oculto. “o crítico levanta indagações quanto à verdade cuja chama viva continua a arder sobre as pesadas achas do que foi e sobre a leve cinza do vivenciado” (Benjamin, 2018, p. 14). É preciso procurar o que está oculto na obra. Assim, a crítica literária é um momento não somente enriquecedor da obra de arte, mas é aquilo que vai fazer com que ela perdue. No caso, em seu ensaio *As afinidades eletivas de Goethe*, Benjamin aponta dimensões no romance que o próprio autor provavelmente não pensou, e muito menos o leitor.

No ensaio, Benjamin afirma que a obra *As Afinidades Eletivas* foi planejada por Goethe como uma novela que seria enxertada no romance *Anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (Benjamin, 2018, p. 73). Ela, contudo, tornou-se um romance, mas continuou com a forma estilística de novela, comportando, assim, uma unidade entre os dois estilos. O artifício usado pelo poeta, para conciliar esses estilos, foi o de se abster de convocar para o centro dos próprios acontecimentos a participação do leitor. Na medida em que esse centro permanece inacessível

ao leitor, a influência da forma novelística sobre a do romance se evidencia (Benjamin, 2018, p. 73).

O romance, como forma literária, atrai o leitor para o seu interior, ou seja, a participar dos acontecimentos, enquanto a novela o expulsa. Nesse sentido específico, diz Benjamin, a obra permaneceu uma novela, apesar de sua extensão. “Por mais que a forma do romance se acentue em *As Afinidades Eletivas*, exatamente esse acentuar-se e essa sobrepujança do tipo e do contorno denunciam a obra como novela.” (Benjamin, 2018, p. 74)

Em *As Afinidades Eletivas* sente-se a presença do narrador por toda parte, como é próprio dos romances de Goethe. Para o crítico, essa é uma característica do autor, que reserva para si próprio o direito de governar o âmbito vital de suas obras (Benjamin, 2018, p. 74).

Goethe insere no romance uma narrativa que, feita durante um sarau por um visitante do castelo, embora seja tida na trama como um caso real, é denominada novela: “Os Jovens vizinhos singulares”. “Ela deve valer como ‘Novela’ de maneira tão categórica quanto a obra principal deve valer como ‘Um romance’ (Benjamin, 2018, p.75). Isso é percebido pela intangibilidade de seu centro. A força vivificadora da catástrofe na novela é tão difícil de ser perscrutada que, segundo Benjamin, para o leitor desprevenido, a novela parece autônoma a obra, mas, numa prosa superior onde reina luz clara, termina por se defrontar com o romance (Benjamin, 2018, p. 76). Prova disso, dentre outras, é que os acontecimentos estranhos narrados pelo visitante, sem que ele suspeite quanto, ajustam-se perfeitamente “à situação de suas ouvintes” (Goethe, 2018, p. 172).

DAS PERSONAGENS PRINCIPAIS DO ROMANCE E DO SEU ENREDO

Eduard e Charlotte, conde e baronesa, são um casal aristocrata que vive em suas propriedades afastado da vida pública, num ambiente pacato, envolvido em atividades diletantes. Capitão Otto é ex-colega de internato de Eduard que, por estar vivendo uma situação incômoda de desocupado e inativo, é convidado a habitar o castelo, sob os protestos de Charlotte, que não presente nada de bom

nisso. Otilie é a jovem afilhada de Charlotte, trazida de um internato para morar com sua protetora, por um arranjo desta com o marido em troca de sua aceitação da presença do Capitão na vida privada do casal. Charlotte tinha o pressentimento de que aquele seria um empreendimento arriscado e do qual não se poderia prever os resultados.

Benjamin chama atenção para o fato de todos os nomes das personagens serem apenas nomes de batismo (Benjamin, 2018, p. 27) e de haver, na narrativa, tão poucos nomes – coisa incomum num romance da extensão de *As Afinidades Eletivas*. A parcimônia na nomeação das personagens é vista por Benjamin como pertencente “à essência de uma ordem cujos elos vão vivendo sob uma lei sem nome, sob uma fatalidade que enche o mundo das figuras com a pálida luz do eclipse solar” (Benjamin, 2018, p. 26-27).

Desde o início da narrativa as personagens reunidas no castelo estão sob o encantamento das “afinidades eletivas”. Sob essa lei natural elas tomam nova configuração e os novos casais se formam por afinidades de eleição: Eduard e Otilie e o Capitão e Charlotte. Eduard se sente deslumbrado, entretido e apaixonado pela beleza enigmática e silenciosa de Otilie; Charlotte e o Capitão, embora mais sérios e experientes, mostram-se inclinados um pelo outro; mas, seguros de si, eram capazes de autodomínio.

Nada indica, porém, para Benjamin, uma harmonia intimamente espiritual entre as figuras do romance que se mostram submetidas, no auge de sua formação cultural, a forças que essa formação considerava dominadas e que a cada vez se mostre mais impotente para subjugar-las. As personagens seguem seus caminhos sentindo-se surdas; enxergando, porém mudas diante do mundo. “Menos hesitação teria trazido liberdade, menos silêncio teria trazido clareza, menos complacência, a decisão” (Benjamin, 2018, p. 22). Fechados em si, isolados num mundo privado, elas perdem o senso para o que é moral.

As figuras do romance, cultas e esclarecidas, percebem-se libertas de superstições. Mas para onde essa liberdade as conduz? Benjamin responde que, longe de abrir novas perspectivas, ela os torna cegos diante do real que habita o que é temido. As

forças da natureza, sobre-humanas, entram em cena de forma ameaçadora como protagonistas míticas do romance (Benjamin, 2018, p. 23). É intervindo na natureza, em processos de embelezamento da paisagem, na criação de recantos bucólicos e na mudança no curso das águas do lago que os amigos *matam* seu tempo. Jamais a atuação dessas figuras sobre a natureza esteve relacionada ao sustento delas próprias ou da propriedade, mas somente para efeitos de ornamento. Os amigos são incansáveis nos processos de embelezamento da propriedade: transplantam lápides e sepulturas do cemitério, abrem novos caminhos mais pitorescos, reformam e decoram a capela e se envolvem com o projeto e construção da nova casa, isolada, sem vista para os povoados. Tanto os lugares profanos destinados à diversão e à contemplação quanto os locais sagrados sofrem suas intervenções com o mesmo objetivo: a busca da bela aparência. Que outra coisa não é as incansáveis providências de embelezamento da propriedade senão a preparação para uma cena trágica? – pergunta Benjamin (2018, p. 23-24).

Charlotte tem um filho de Eduard, seu marido. Mas, como fruto da mentira, já que ela ama o Capitão e Eduard ama Ottilie, a criança, renunciando um destino trágico, nasce com os traços do Capitão e de Ottilie, parecendo ter sido concebida de um duplo adultério – assim, ela separa os esposos quando deveria uni-los. A criança, fruto do pecado, morre afogada nas águas do lago fantasmagórico quando estava aos cuidados de Ottilie. A culpa por sua morte recai como uma fatalidade sobre Ottilie, por essa existência em um amor que a afasta do caminho que é o certo. Essa culpa, segundo Benjamin, é uma culpa natural, já que não cometera nenhuma falta do ponto de vista moral. Nela, os homens incorrem não por decisão e ação, mas por omissões e celebrações. “O ser humano não escapa ao infortúnio que a culpa chama sobre ele.” (Benjamin, 2018, p. 32)

Com o desmoronamento do casamento, as forças do destino têm necessariamente de triunfar. Ottilie está predestinada à morte. Contudo, parece estranho o modo imediato, inesperado e quase brutal, para o leitor, como isso ocorre no desenrolar do romance. Ottilie sucumbe não apenas como vítima do destino – menos ainda por sacrificar-se a si mesma – mas, mais precisamente, como a vítima que redime os culpados. A despeito de seu suicídio, ela morre como mártir; seus restos mortais se tornam milagrosos.

Otilie é a personagem central do romance. Goethe confessou amar Otilie e, mesmo assim, quão infeliz a fez! (Benjamin, 2018, p. 118). Bela, pura, intocada, reservada, ambígua; um mutismo vegetal cobre sua existência e a obscurece. Otilie está designada a um destino terrível (Benjamin, 2018, p. 81-84). Sua decisão de morrer permanece em segredo até o final. Ela parece se formar em sua própria obscuridade de uma maneira incompreensível. Para Benjamin, é questionável a moralidade da vontade de morrer em Otilie. Na verdade o que motiva seu ato não é uma DECISÃO, mas um impulso (Benjamin, 2018, p. 84).

Em seu ensaio, Benjamin, defende a tese de que a morte de Otilie seria por expiação no sentido do destino. Nunca uma absolvição sagrada, que não poderia se dar por uma morte voluntária, apenas por uma morte sacrificial. Somente a morte, contudo, pode preservá-la de sua ruína interior. É o último recurso da alma que foge da ruína (Benjamin, 2018, p. 85). A vida de Otilie se mostra insustentável quando exposta ao crivo dos preceitos morais.

Otilie não possui uma qualidade trágica; ela não teve um fim trágico, mas um fim por um impulso mudo (Benjamin, 2018, p. 86). Otilie comete um erro que lhe causa culpa. Seu amor por Eduard que está ferindo os direitos de casamento de Charlotte, sua benfeitora, e a morte da criança a quem se afeiçoou, trazem-lhe uma culpa atroz (Benjamin, 2018, p. 86). Otilie é um ser de aparência; seu mutismo a torna obscura e impenetrável. Benjamin afirma que a não se expressar em palavras, toda clareza de uma conduta é aparente e que a vida interior daqueles que dessa maneira se preservam não é menos obscura para eles do que para os demais (Benjamin, 2018, p. 86-87).

A essência interior de Otilie permanece fechada; ela ama, mas esse amor não se expressa em palavras. Ela é simultaneamente presença e ausência. A impressão favorável que provém dela é somente devido à aparência de sua beleza enigmática. Toda sua existência dotada de linguagem deve ser procurada em seu diário. Este, contudo, apenas constrói o monumento para aquela que morreu lentamente.

Ao revelarem segredos que só a morte poderia desvelar, os apontamentos de diário

habitua à ideia de seu desaparecimento; e, ao manifestarem a taciturnidade de uma pessoa que vive, prenunciam também o seu completo emudecer. (Benjamin, 2018, p. 87).

Existe um perigo fatal quando a vida espiritual se expressa apenas no diário. Ottilie é um ser que desvanece. Toda força de sua existência interiorizada provém apenas da recordação. Só ela garante ao amor sua alma. Ottilie lembra Mignon (*Anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*) e Helena (*Il Fausto*) (Benjamin, 2018, p. 87-88). Ela é uma figura fantasmagórica.

Goethe fez do mítico o fundamento do romance (Benjamin, 2018, p. 35). Para o crime contra a violação do casamento, para a culpabilidade mítica, sua expiação estava de acordo com a derrocada do par de amantes. Para os contemporâneos de Goethe, o conteúdo mítico da obra estava presente não por via da compreensão, mas sim do sentimento. A esses, não puderam escapar as tendências pagãs na obra.

Os motivos objetivos da rejeição à obra parece vir, portanto, da inclinação a conteúdos pagãos. O leitor sentia falta do aspecto divino-transcendente na consumação do castigo. Mas não foi isso que Goethe buscou garantir em suas palavras finais, no romance? Sim, responde Benjamin (Benjamin, 2018, p. 37). Eduard morre e Charlotte deu-lhe sepultura ao lado de Ottilie. “E, assim, os dois amantes descansam lado a lado. A paz paira sobre sua morada; imagem de anjos serenos, seus afins, miram-nos da cúpula; e que momento agradável aquele em que um dia despertarão juntos!” (Goethe, p. 216).

A novela “Jovens vizinhos singulares”, enxerta no romance, faz este ganhar compreensão. Resta na novela luz clara (Benjamin, 2018, p. 76). A novela é a chave para a compreensão do romance.

DO TEOR MATERIAL E TEOR DE VERDADE DE *AS AFINIDADES ELETIVAS*

Em vários momentos do ensaio, Benjamin defende a tese de que o objeto do romance não é o casamento (Benjamin, 2018, p. 21), contradizendo vários outros

críticos que afirmam o contrário, apesar de fazê-lo com uma certa frouxidão de argumentação, pois percebem que Goethe trata o tema de maneira tênue. Benjamin, contudo, é categórico: “Em nenhum lugar do romance as instâncias éticas do casamento poderiam ser encontradas. Desde o início elas estão em processo de desaparecimento...” (Benjamin, 2018, p. 21).

Goethe faz do mítico o fundamento de seu romance; este é o teor material da obra. Esta é a tese fundamental de Benjamin (Benjamin, 2018, p. 35). É disso que se trata. O casamento é o aprisionamento do mítico. O romance trata de forças míticas agindo sobre figuras esclarecidas, racionais, cultas, que se pensavam livres de superstições. As personagens do romance, contudo, têm inclinação à presságios, sinais, a forças superiores do destino. O que Benjamin faz em seu ensaio, indo ao encontro do romance de Goethe, é uma reflexão sobre a instituição do casamento burguês e sobre a sociedade burguesa como um todo. Ele denuncia as forças e as dinâmicas ocultas que mantém unida uma sociedade moderna com suas promessas de liberdade e autorrealização (Benjamin, 2018, p. 167). Essas forças que impulsionam o pensamento mítico são necessariamente nocivas, incapacitantes e limitadoras. Enfim, que a suposta liberdade de uma sociedade esclarecida é insuficiente para manter um controle racional da vida; que a consciência da vida é falsa. O casamento burguês é o meio no qual essa contradição se mostra com mais clareza e violência.

As figuras do romance estão totalmente presas às forças da natureza e do destino. “Na extensão em que o destino reina, os amantes vão ao encontro da perdição. Na medida em que rejeitam a benção da terra firme, ficam à mercê do insondável que surge nas águas dormentes como algo primevo” (Benjamin, 2018, p. 24). A obra toda está entretecida com um simbolismo da morte. O destino se desdobra de maneira irresistível naquelas vidas culpadas. Toda escolha a partir do destino é cega e conduz cegamente a desgraça. O destino aparece em *As Afinidades Eletivas* como a culpa que se herda ao longo da vida (Benjamin, 2018, p. 32).

Liberdade e destino são, para Benjamin, conceitos fundamentais entre os quais a existência do homem moderno se movimenta. Se há liberdade verdadeira, os poderes do destino não conseguem agir e se mantêm em repouso diante da vontade

livre. Caso as forças do imponderável prevaleçam toda liberdade e escolha são apenas aparentes. O conceito de culpa moral é inaplicável ao destino pois este não conhece culpa, apenas expiação. Caso a liberdade verdadeira prevaleça, fica afastada a expiação e apenas subsiste a responsabilidade (Eilenberger, 2008, p. 169). O romance de Goethe apresenta, para Benjamin, o fracasso inevitável de uma forma de existência burguesa que não conseguiu se livrar ainda da forma mítica de pensamento de um destino determinado. Com isso, os indivíduos não estão em condição de assumir às consequências de suas próprias escolhas supostamente autônomas.

Enfim, onde está o teor de verdade de *As afinidades eletivas*? Em Otilie, diz Benjamin. É na figura de Otilie que o romance parece de forma evidente desprender-se do mundo mítico. Ela, entre as figuras fantasmagóricas do romance, é a única a ter aparência. Otilie é reservada: nada do que diz ou faz afasta-a de sua reserva. Sua vida é dessacralizada, nem tanto por ter pecado contra um casamento em ruínas, mas por ir levando a vida na indecisão. Ela não é uma figura trágica. Jamais uma figura indecisa como Otilie pode ser confundida com uma mártir. Nada menos trágico que sua morte, pois mesmo quando ela sucumbe como vítima de poderes obscuros, é precisamente a sua inocência, indecisão, mudez e uma vida que se mostra insustentável, que designa Otilie para esse destino terrível (Benjamin, 2018, p. 86-87). Os atributos conferidos à Otilie a afastam do plano mítico (Benjamin, 2018, p. 89).

DA NOVELA “OS VIZINHOS SINGULARES”

As figuras da novela, os vizinhos singulares, ao contrário dos amigos do romance, surgem rodeadas por seu mundo, por seus familiares, por suas vidas reais e verdadeiras. Elas não tem nomes. A essa total anonimidade em seus personagens, Benjamin diz corresponder a anonimidade parcial naqueles do romance (Benjamin, 2018, p. 77). Sem nomes eles são denominados apenas de menino e menina. Desde sempre essas criaturas foram reservadas uma à outra para um casamento desejado por suas famílias. Durante toda infância, contudo, entre esses vizinhos singulares, manifestava-se uma estranha antipatia; eram ferozes inimigos em suas brincadeiras infantis.

Passou o tempo e, após um longo período de separação, no qual o menino foi cuidar de sua formação, voltam a se encontrar, e a menina, agora uma linda vizinha, está noiva de um jovem mais velho, de posição, com fortuna e reputação, muito admirado no meio em que vivem. A vizinha se sentia muito bem pela escolha que o noivo fez por ela, dentre muitas outras jovens mais cultas e requintadas daquela sociedade.

O vizinho encarou a mudança em suas vidas com normalidade, mas a vizinha parecia ter despertado de um sonho: toda a inimizade com o vizinho, na infância, fora sua primeira paixão e toda a raiva que sentia dele não passava de uma violenta inclinação inata, sob forma de resistência. A vizinha se viu irresistivelmente apaixonada pelo vizinho.

Não tendo conseguido chamar a atenção do vizinho para seus sentimentos e recusando-se a fazer um casamento por conveniência, durante uma festa num barco ela se atira nas águas revoltas do rio. O vizinho que estava no timão do barco, abandona-o e, sem se dar conta do seu ato, joga-se na água na direção de sua bela vizinha.

Para Benjamin, na construção de *As Afinidades Eletivas*, cabe a novela um significado decisivo. Aos motivos míticos do romance correspondem aqueles da novela enquanto motivos da redenção (salvação). Desse modo, o mítico é abordado no romance como tese, a antítese pode ser encontrada na novela (Benjamin, 2018, p. 78).

A CHAVE para a compreensão do romance está na novela; esta é outra tese de Benjamin. Basta saber em que os amigos do romance se diferenciam dos amantes da novela. O romance deve ser sempre confrontado com a novela. As personagens da narrativa principal opõem-se as da novela, menos individualmente do que como pares (Benjamin, 2018, p. 84).

A oposição entre romance e novela também é percebida na relação entre reconciliação aparente e verdadeira. Os amantes da novela encontram a

reconciliação verdadeira, após anos de desavenças, ao arriscar suas próprias vidas no SALTO que desafia a morte (Benjamin, 2018, p. 96). No romance, não ocorre a reconciliação entre os amigos. Eles evitam o confronto aberto. O que há na vida dos amigos é conformismo, tolerância, uma certa frouxidão moral diante da situação em que vivem e que tanto os afasta um do outro. Tanto sofrimento, tão pouca luta, diz Benjamin. Daí o silêncio de todos os afetos. Mesmo com a morte de Ottilie, a reconciliação não se dá (Benjamin, 2018, p. 97).

Enquanto o amor guia os amantes reconciliados da novela, aos amigos do romance só resta a beleza enquanto aparência de reconciliação. Para os que amam de verdade, a beleza do amado não é decisivo. Com a paixão é diferente; qualquer diminuição da beleza faz a paixão arrefecer. Para os amigos o abandono da beleza é insuportável. Goethe chega a afirmar que se intua no mundo dessa beleza suave e velada o CENTRO da obra (Benjamin, 2018, p. 99).

Não é o verdadeiro amor que vigora entre Ottilie e Eduard (Benjamin, 2018, p.100), mas a paixão que permanece cativa sob o encanto das aparências. Eduard chega a dizer, sobre o amor de Ottilie: que considera “um tal fenômeno anormal”. A aparência está representada no romance no modo como as figuras dos amigos se expressam na vida (Benjamin, 2018, p.101), nos afetos e em tudo que os rodeia. No casal da novela, Goethe representa o poder do verdadeiro amor. No romance, ao contrário, encontra-se nesse aspecto um duplo fracasso. Enquanto Ottilie e Eduard morrem cumprindo seus destinos, o casamento continua vedado a Charlotte e ao Major. O desfecho do romance deixa esse casal, como sombras, no limbo. (Benjamin, 2018, p. 102).

Já que em nenhum dos casais do romance vigorou a força do verdadeiro amor, que teria explodido esse mundo de aparências, as personagens do romance são tragadas pelas convenções morais e pelas forças míticas que não lhes permitem viver uma vida verdadeira, por isso não lhes cabe a paz e a harmonia (Benjamin, 2018, p. 98). Ao casal da novela foi conferido o emblema do amor verdadeiro (Benjamin, 2018, p. 102).

Na novela, ao desnudar a vizinha para salvá-la da morte, o vizinho não perde

tempo em contemplá-la desnuda. Aqui o amor não é contemplação. No romance de Eduard e Ottilie o amor, enquanto paixão, perdia-se em contemplação; a contemplação do ser amado aqui é mais desejada que a união (Benjamin, 2018, p. 114). A beleza que não se entrega no amor deve sucumbir a morte. Ottilie conhece seu caminho em direção a morte. (Benjamin, 2018, p.116).

Benjamin ressalta mais uma vez que o “O casamento não pode, em nenhum sentido, ser o centro do romance” (Benjamin, 2018, p. 103), mas é o meio (Benjamin, 2018, p. 104). Que a respeito do casamento nada poderia ser dito, além de que a moralidade só pode mostrar-se na fidelidade, e apenas na infidelidade poderia mostrar-se sua imoralidade. Muito menos que a paixão pudesse constituir seu fundamento (Benjamin, 2018, p.104). Eduard e Charlotte, no passado, já haviam se amado, mas acabaram por contrair outros casamentos. Fica em suspenso, porém, o momento em que residiria o passo em falso na vida deles: se na indecisão de outrora ou na infidelidade do presente (Benjamin, 2018, p, 105). Seja como for essas figuras foram arrancadas da órbita do casamento a fim de encontrar seus destinos sob outras forças.

Esse processo de retrocesso às forças míticas seria inescapável? Haveria alguma possibilidade libertadora para a supressão da culpa, um SALTO à liberdade, um casamento feliz? (Eilenberger, 2008, p. 174). Para Benjamin, sim. Quanto a Goethe, o casamento feliz teria sido insinuado na novela inserida no romance. Os vizinhos singulares da novela, parece não haver dúvida, representam essa possibilidade de um casamento que, na verdade, é o único que dá certo pelo fato de se basear, na leitura de Benjamin, não na *escolha*, mas numa *decisão* existencial. *Decisão* tomada num momento de ameaça verdadeira à vida (Eilenberger, 2008, p. 175).

DA DECISÃO

A jovem vizinha da novela enfrenta o poder da convenção burguesa do casamento por escolha com a *decisão* de saltar do barco em movimento e é salva pelo futuro noivo. Dessa forma, os jovens vizinhos singulares da novela não arriscam suas

vidas partindo de uma liberdade de escolha que é aparente; não ocorre o sacrifício entre eles, mas uma DECISÃO, que leva à salvação.

O casamento dos jovens vizinho não se baseia numa escolha, fundamento do casamento burguês. Neste, a eliminação total do aspecto fatalista do acontecimento amoroso, em razão da escolha livre, parece significar necessariamente a extinção do amor em si, e a essa se junta um rosário de culpa, sacrifício e renúncia; isto porque o amor verdadeiro não pode ser tratado de forma tão racional e autodeterminada. A busca pelo ideal romântico do casamento por amor não eliminará, por sua vez, a estrutura do pensamento mítico. Assim, é impossível uma conciliação satisfatória entre as forças da razão e do destino. A liberdade de escolha se mostra ilusória e a queda no mítico resultará numa existência culpada e inocente no âmbito do destino. Não existe amor verdadeiro no errado. O arranjo do casamento burguês com o romantismo e o esclarecimento é uma ilusão.

A liberdade está afastada da *decisão* do jovem de salvar a moça, como também o destino. Os amantes da novela estão além da liberdade de escolha e do destino. A decisão corajosa deles é suficiente para afastar o destino e para desmascarar uma liberdade de *escolha* que iria degradá-los. É esse o sentido de sua ação nos segundos da *decisão*. Ao contrário deles, as figuras do romance, permanecem presas à aspiração quimérica por liberdade que é aquilo que evoca o destino sobre suas vidas (Benjamin, 2018, p. 77).

Pode-se considerar correto que na construção de *As afinidades eletivas* cabe a novela um significado decisivo. Todos os detalhes da narrativa do romance dão o testemunho de que aos seus motivos míticos correspondem aqueles da novela enquanto motivos de redenção (Benjamin, 2018, p. 78).

DA TRANSCENDÊNCIA SALVADORA

A *decisão* é forçada por uma alternativa de vida ou morte, não no sentido sacrificial, mas existencial. Benjamin interpreta o salto dos jovens enamorados

para à morte como um mergulho explícito na crença em Deus (em consonância com Kierkegaard), na crença da possibilidade de redenção das falsas alternativas e na busca de uma vida verdadeira (Eilenberger, 2018, p. 176). Passar da água à terra, do desespero ao deslumbramento, da indiferença à afeição, da morte à vida, tudo num instante ... a razão não alcançaria tudo isso. “... só cabe ao coração a tarefa de tornar suportável uma tal surpresa” (Goethe, 2008, p. 177). Para Benjamin, a decisão dos jovens vizinhos singulares seria uma transcendência salvadora. Goethe também aponta para a transcendência, já que a disposição de ambos para morte doa aos amantes, mediante a vontade divina, a nova vida. Nesse casal singular, Goethe representou o poder do verdadeiro amor.

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (1987). Walter Benjamin (1892-1940). In: *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. p. 133-176.
- Benjamin, W. (2018). As afinidades eletivas de Goethe. In: *Ensaíos reunidos: escritos sobre Goethe*. Tradução de Monica Kraussz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Editora 34. 2ª edição.
- Eilenberger, W. (2018). *Tempo de Mágicos*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Todavia.
- Goethe, J. W. (2008). *As Afinidades Eletivas*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Nova Alexandria.
- Tursi, Carlo (2020). Teólogo e filósofo. *Anotações de aulas*. Fortaleza.